

CINEMATECA PORTUGUESA–MUSEU DO CINEMA
JSM: O CINEMA DE JORGE SILVA MELO E CARTA BRANCA SEM RECEITA
19 de maio de 2022

WANDA / 1971

(*Wanda*)

um filme de Barbara Loden

Realização: Barbara Loden / **Argumento:** Barbara Loden e Nicholas T. Proferes / **Fotografia:** Nicholas T. Proferes / **Montagem:** Nicholas T. Proferes / **Intérpretes:** Barbara Loden (Wanda), Michael Higgins (Mr. Dennis), Dorothy Shupenes (irmã de Wanda), Peter Shupenes (cunhado), Jerome Thier (marido), Anthony Rotell (Tony), Milton Gittleman (dono da fábrica), Charles Dosinan (pai), Jack Ford (Mr. Anderson).

Produção: Harry Shuster, para Foundation for Filmmakers / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa–Museu do Cinema, 35mm (ampliada do original em 16mm), colorida, legendado em francês e eletronicamente em português, 102 minutos / **Estreia Mundial:** Nova Iorque, em 28 de Fevereiro de 1971 / **Primeira exibição em Portugal:** Fundação Calouste Gulbenkian, em 1987, no ciclo “Actor/Actor” / **Estreia em Portugal:** King, em 19 de Agosto 2004.

Wanda é uma espécie de OCNI (Objecto Cinematográfico Não Identificado). É um filme único, em todos os sentidos da palavra. Foi a única realização de Barbara Loden e é um retrato feminino sem qualquer semelhança ou comparação com o que o cinema nos deu até à sua aparição, e mesmo depois, a não ser nalguns filmes europeus (Chantal Akerman) e num ou noutro americano independente que se reivindica da sua influência (**Smithereens**, que Susan Seidelman dirigiu em 1982). É-o também pela forma como passou pelos ecrãs. Foi mostrado no Festival de Veneza mas teve uma fugaz passagem pelos cinemas americanos tendo sido rapidamente “esquecido”. Entre nós só foi estreado em 2004, tendo sido mostrado pela primeira vez na Gulbenkian no ciclo “Actor/Actor” e, depois, numa escolha de Manuel Mozos. Mas deixou algumas marcas cujos sinais só a pouco e pouco se revelaram e impuseram. A começar por Elia Kazan, então marido de Barbara Loden, que a estimulou e apoiou para que levasse a cabo o seu projecto, apesar da indiferença dos produtores. Dois anos depois, em 1972, Kazan, faria o seu filme seguinte, **The Visitors** (onde Barbara Loden colaborou) também no mesmo estilo, explorando o formato de 16mm, e com a colaboração, na fotografia de Nicholas T. Proferes, formado na escola documental de Richard Leacock, e colaborador de Norman Mailer em duas incursões que o escritor fez pela realização cinematográfica: **Beyond the Law** (1968) e **Maidstone** (1970). **Wanda** seria, depois, objecto de paixão de dois nomes importantes do cinema francês. Marguerite Duras, primeiro, que tentou distribuí-lo em França e, mais recentemente, Isabelle Huppert, que adquiriu os direitos de exibição e praticamente o revelou.

Wanda foi dirigido por Barbara Loden, que passou fugazmente pelo cinema e teatro antes de falecer aos 48 anos em 1980. A sua carreira começou como modelo fotográfico antes de conseguir algumas aparições em shows de televisão, e ao mesmo tempo frequentando um curso de teatro para tentar fazer carreira na Broadway. Em 1960 consegue um pequeno papel no filme de Elia Kazan, **Wild River/Quando o Rio se Enfurece**, do qual resulta que Kazan lhe dê nova e mais sugestiva oportunidade na figura da jovem e inquieta irmã de Natalie Wood em **Splendor in the Grass/Esplendor na Relva**, entrando em seguida para a companhia teatral do realizador, o Lincoln Center Repertory Company, onde terá o seu mais importante papel no palco, na

personagem central, inspirada em Marilyn Monroe, da peça de Arthur Miller *After the Fall/Depois da Queda*. Em 1968 casa com Kazan que, procura dirigi-la no seu novo filme **The Arrangement/O Compromisso**, sendo forçado, por imposição dos produtores, a substituí-la por Faye Dunaway, o que representou um duro golpe para Barbara Loden. É então que a actriz resolve levar a cabo o projecto que há algum tempo acalentava, o filme **Wanda**, tendo-se inspirado num fait-divers real que leva num jornal: a história de um assalto e da cúmplice do assaltante.

Filmado em 16mm, **Wanda** é a história de uma mulher "ausente". Uma mulher para quem a vida é apenas uma travessia sem sentido, por um deserto de afectos e sentimentos. Contado em forma de *road movie* Wanda acompanha as suas deambulações, sem preocupações de extrair qualquer moral. Loden não formula qualquer juízo sobre a sua personagem, aliás, segundo as suas declarações, com muito de pessoal. O começo é exemplar do método que a realizadora aplica: uma panorâmica que nos mostra um estaleiro de extracção de carvão algures na Pensilvânia, o mesmo Estado em que decorre a acção de **The Deer Hunter**, de Michael Cimino. Mas ao contrário deste, que nos mostrava a energia e a força do trabalho, o que se nos depara é uma imagem de desolação, triste e baça.

O mesmo tom se nos depara na cena seguinte, no interior de uma casa onde uma mulher se move pelo pequeno apartamento com uma criança nos braços, enquanto o marido sai de casa carrancudo. A razão é a presença de uma intrusa, a cunhada, Wanda, que dorme no divã, após a separação do marido. Mais sugestiva ainda é a cena do tribunal onde se julga o divórcio de Wanda, e aonde esta chega atrasada e com um aspecto que o vulgo diria desmazelado. Wanda não levanta quaisquer problemas. Acha que o marido tem razão e que os seus filhos estarão melhor com ele. A partir de então este horizonte fica para trás. Da família nada mais se verá nem ouvirá. Wanda irá seguir o seu destino ao sabor da corrente e dos encontros. Mas nestes, a forma como ela procura agarrar os companheiros de ocasião, revela uma enorme carência de afecto, um desejo inconsciente, e sem capacidade de se afirmar, de apoio e companhia. Nesse percurso, que a deixa cada vez mais desamparada, acabará por encontrar num bar em que entra em último recurso, um estranho, que passará a acompanhar ao longo do filme, Dennis, a quem ela chamará sempre "mister", e que se revela como sendo um pequeno escroque e ladrão. É a partir deste encontro que o filme toma uma faceta narrativa mais clássica, aparentando-se ao tradicional filme do "casal de assaltantes", à maneira de **Gun Crazy/Mortalmente Perigosa** de Joseph H. Lewis ou **Bonnie and Clyde/Bonnie e Clyde**, de Arthur Penn. Mas as semelhanças são apenas aparentes (Barbara Loden, numa entrevista, afirmou detestar o filme de Penn). Loden não dá, nem pretende dar, qualquer explicação sociológica ou psicológica para o comportamento do par. Limita-se a constatar uma série de situações, e as desajeitadas e quase ridículas tentativas de Dennis levar a cabo o seu grande assalto a um banco que acaba de forma trágica. Não há qualquer moral a tirar da situação. Wanda, de novo só, aceita o seu destino com a mesma passividade com que sempre vivera, perdida no meio de um grupo de alegres bebedores e aceitando os copos que lhe oferecem. **Wanda** é o oposto de todos os retratos femininos com que o cinema americano nos quis falar da "emancipação" da mulher, de **Alice Doesn't Live Here Anymore/Alice Já Não Mora Aqui**, de Martin Scorsese a **An Unmarried Woman/Uma Mulher Só**, de Paul Mazursky, mostrando a "nudez crua da verdade" sob o "manto diáfano da fantasia" de Hollywood.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico